

MICHELLE CUEVAS

GUIA DE
ALIMENTAÇÃO
E CUIDADO
DE UM
BURACO
NEGRO DE
ESTIMAÇÃO

Tradução de Luisa Geisler

1ª edição

GALERA
— **junior** —

RIO DE JANEIRO
2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cuevas, Michelle

C972g

Guia de alimentação e cuidados de um buraco negro de estimação /
Michelle Cuevas ; tradução Luisa Geisler. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera
Junior, 2020.

Tradução de: The care and feeding of a pet black hole

ISBN 978-85-01-11885-1

1. Ficção. 2. Literatura juvenil americana. I. Geisler, Luísa. II. Título.

Título original

The care and feeding of a pet black hole

Copyright © 2017 by Michelle Cuevas

Esta tradução foi publicada mediante acordo com Folio Literary Management,
LLC e Agência Literária Riff.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000, que
se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11885-1

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

SUMÁRIO



CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
AGRADECIMENTOS
APÊNDICE



CAPÍTULO UM



O Troço misterioso que me seguiu até em casa

Esta história começou em uma tarde da cor dos cometas, com uma garota vestida de preto. Uma garota triste. Uma garota com um buraco no coração, e escuridão no horizonte.

Esta garota, obviamente, era eu.

— Meu nome é Stella Rodriguez — informei ao guarda nos portões da NASA. — Tenho onze anos. Vim aqui para falar com Carl Sagan.

Era tarde, quase noite, e eu estava sozinha. Você e Mamãe teriam se zangado.

O guarda ergueu os olhos como se tivesse ouvido um mosquitinho irritante, concluiu que tinha sido só sua imaginação e voltou a ler sua revista.

— Na verdade — tentei de novo —, sou a tata-tata-tata-tata-tataraneta de Carl Sagan e vim à NASA para contar para ele que no

futuro nós inventamos a viagem no tempo!

— Por favor, vá embora — ordena o guarda.

— Mas eu tenho hora marcada...

— Não — respondeu o guarda —, com certeza você não tem.

— *Tá*, tá bem, talvez eu não tenha mesmo! — rebati, um pouco escandalosa demais. — Mas se você levar em conta a teoria do caos ou o efeito borboleta, a própria noção de previsões de longo prazo, por exemplo, a tal *hora marcada* se torna uma impossibilidade absurda. O tempo...

Mas antes que eu pudesse continuar tentando manter minha pose intelectual, um alarme ensurdecador começou a tocar. Luzes começaram a piscar, e aí eu ouvi gritos vindos de dentro do prédio.

— Tá bom — cedi, erguendo as mãos. — Vamos só ficar de boa, então. Vou embora sem fazer escândalo. Não precisa de alarmes. Sou nerd demais para a cadeia!

Mas o guarda não estava prestando atenção em mim. Ele pegou seu telefone e começou a berrar alguma coisa sobre código vermelho e protocolo, e antes que eu conseguisse sacar o que estava acontecendo ele já havia corrido para dentro, largando o portão escancarado.

Eu bem que queria ser aquele tipo de pessoa que entraria escondido na NASA durante uma explosão-molecular-de-uma-invasão-de-foguetes-alienígenas-tripulados-por-robôs. Mas você sabe muito bem que eu não sou assim. Nem perto disso. Sou mais o tipo amarelona-e-medrosa-igual-a-um-filhotinho-de-gato.

Então fui embora. Fui embora sem ver Carl Sagan e sem entregar a ele o pacote importante que eu tinha levado. Questões temporais eram essenciais, já que a data de lançamento da sonda Voyager 2 — 20 de agosto de 1977 — ia ocorrer dali a poucos meses.

Afastando-me dos alarmes na NASA, fui para o ponto de ônibus e fiquei esperando. O dia tinha só um restinho de claridade, e eu estava sentindo uma coisa esquisita. Tipo quando você sente uma brisa nos tornozelos estando num quarto sem janelas ou portas abertas. Ou quando tem certeza de que está enxergando um rosto na lua, e que

ele está encarando você. Ou tipo quando você é o pegador na brincadeira de esconde-esconde, e simplesmente sabe que está sendo observado através de um buraco na fechadura de armário. Disparei meu olhar de um lado a outro, vasculhando nas moitas e árvores. Não vi nada em lugar nenhum, nada além do crepúsculo.

E também fiquei compreensivelmente aliviada quando o ônibus virou a esquina. Quer dizer, isso até eu entrar *no* ônibus, e aí as coisas começaram a ficar mais esquisitas, se é que isso ainda era possível.

— Minha carteira! — gritou uma executiva. — Alguém roubou minha carteira!

Todo mundo esquadrinhou o ônibus à procura de uma pessoa suspeita.

— E cadê minha peruca? — perguntou um homem de mais idade.

Isso continuou por mais três paradas, gritos de *Cadê meu almoço?* e *Quem pegou meu sapo de estimação?* Para sair do ônibus, tive de saltar por cima de um monte de gente de gatinhas, todas procurando isso-ou-aquilo debaixo de seus bancos.

O ponto de ônibus ficava a apenas alguns minutos de distância da minha casa, mas pareceram quilômetros. Tipo, o que estava acontecendo?! O crepúsculo havia se tornado escuridão purinha, o que não era nada bom porque naquele momento eu estava sofrendo gravemente de apreensão, calafrios de febre e um toque de arrepios. Eu não tenho medo do escuro — você sabe disso por causa daquela época em que ficávamos admirando as estrelas —, mas, no minuto em que comecei a caminhar, meus pelinhos dos braços e pernas se arrepiaram, e a sensação foi até o pescoço. Eu estava tão sobressaltada que devia estar com cabelinhos arrepiados até nos olhos, os quais, por sinal, não estavam ajudando, porque, numa questão de minutos, o dia-que-estava-escurecendo virou um dia-escuro-feito-o-interior-de-um-bolso.

Olhei de um lado para o outro.

— Tem alguém aí? — perguntei. Ninguém respondeu. Será que alguém em algum filme de terror já respondeu a essa pergunta? *Ah, que bom que perguntou, sou eu, o assassino da machadinha. Droga! Na*

verdade, isso era para ser uma surpresa...

Então fiz o que qualquer um faria no meu lugar. Comecei a correr. Rápido. Corri pela escuridão-tipo-a-sujeira-no-fundo-do-esgoto, disparei pela escuridão-tipo-dentro-de-uma-baleia. Não ouvi passos ou galhos quebrando atrás de mim, mas a sensação estava ficando mais forte. Alguém estava à espreita, só que fora do campo de visão. Eu estava sendo observada. Eu estava sendo seguida.

Mas por quem?

Ou, ainda pior... pelo *quê?*



CAPÍTULO DOIS



Olá, escuridão

— POR ONDE VOCÊ ANDOU?! ERA PARA VOCÊ ESTAR TOMANDO CONTA DE MIM ATÉ A MAMÃE CHEGAR EM CASA. E SE EU TIVESSE COMIDO COLA OU ALGO ASSIM!?

Aquela voz estridente pertencia, é claro, a Cosmo. Um nome bem adequado, considerando que ele é um cadete espacial de mão-cheia na forma de um irmão de cinco anos.

— Xiu! — disse eu. — Me ajuda a tapar as escotilhas e a vigiar o perímetro.

Saí esbaforida trancando portas, fechando todas as cortinas e apagando as luzes. Espiei por uma fresta nas cortinas da frente. Tinha começado a chover e era difícil ver sei-lá-qual-fosse o monstro que havia me seguido até em casa.

— Isso é divertido — sussurrou uma voz atrás de mim. — O que estamos fazendo?

Baixei o olhar para Cosmo. Ele apertava as mãozinhas de empolgação.

— Você comeu cola *mesmo*?

— Não — respondeu ele, timidamente.

— Ótimo — comentei —, muito maduro. Vamos lá, vou fazer nosso jantar.

Depois de queijos quentes temperados a medo e sopa de tomate devorados sob a quase escuridão, eu disse a Cosmo que iria fazer meu dever de casa, mas na verdade eu só precisava de um tempinho sozinha para refletir. Coloquei meu robe azul de pelúcia com estrelinhas e encarei para além da janela do meu quarto no segundo andar, tentando ver o jardim da frente de um ângulo melhor. Tentei usar meu telescópio, mas o gesto só me fez ficar triste. Triste demais. Mais triste do que minha costumeira neblina persistente do dia a dia. Isso era uma nossa coisa de pai-e-filha, só eu e você, mas agora você se foi e tem monstros no jardim e tudo está errado.

Sentei toda desleixada apoiando o queixo no peitoril da janela. Uma gota de chuva desceu pelo vidro como uma minúscula estrela cadente.

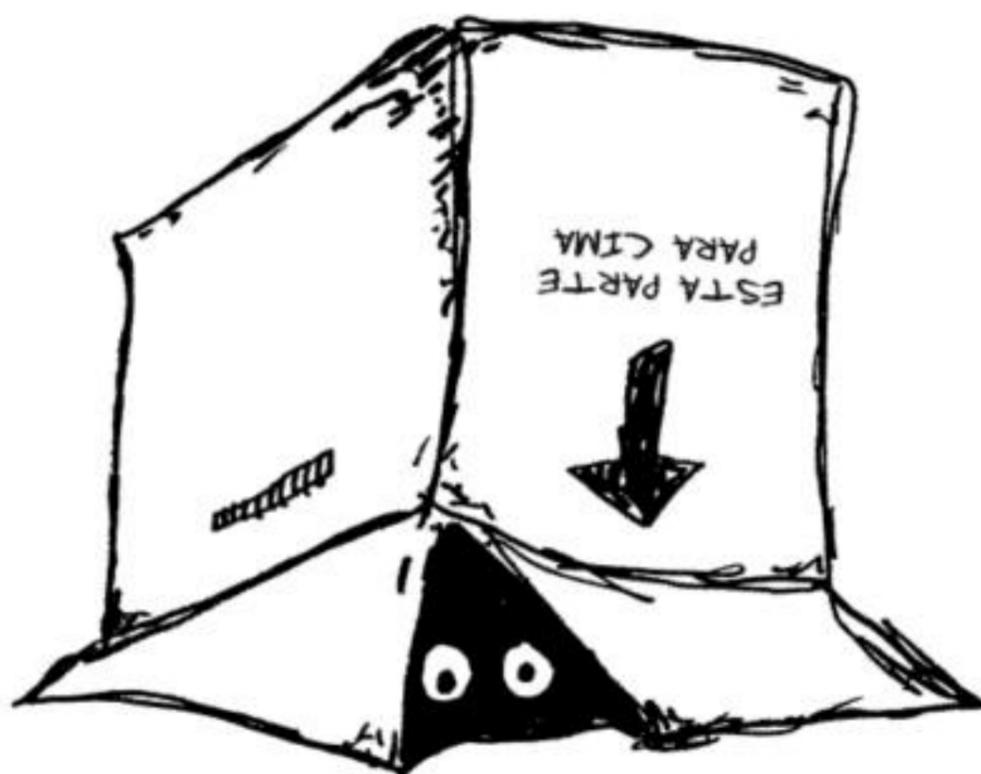
— Eu queria — comecei, fechando meus olhos — ser capaz de fazer todas as coisas horríveis simplesmente... desaparecerem.

Quando abri os olhos, captei um vislumbre de algo lá fora, só por um momento, antes de disparar para uma caixa de papelão perto das lixeiras na calçada.

— Hein? — perguntei. Usei a mão para limpar a névoa no vidro. Sim, definitivamente tinha alguma coisa na caixa, alguma coisa pequena, e escura, e muito trêmula. *Um gatinho*, pensei, tentando me convencer de que tinha visto bigodes de relance, e o estalido de um rabo.

Equipada com botas de chuva e uma lanterna, segui para fora. Por sorte, Cosmo tinha ido para o quarto dele e não estava por perto para perturbar.

— É só um gatinho, ou um cachorro de rua — falei sozinha enquanto caminhava devagarzinho pelo jardim, sob a chuva.



— Psssst, bichano, bichano — chamei enquanto me aproximava.
— Por favor, não seja um bichano gambá fedorento.

Eu me deslocava devagar e com cuidado, tentando ver o bichinho. Mas quando minha lanterna iluminou dentro da caixa, o que eu vi não foi um filhotinho de gato ou cachorro. Não era nem mesmo um gambá. Era só... *escuridão*.

Afastei-me da caixa aos trancos, tropecei no meio-fio e derrubei a lanterna. Quando enfim a recuperei, minhas mãos estavam tremendo quando mirei de volta para o que eu achava ter visto. A coisa ali dentro tinha ido embora! Girei o foco da lanterna loucamente e encontrei a criatura, espreitando cada vez mais perto em minha direção. Não parecia ter pernas ou braços. Era só um borrão de escuridão pouco maior que um coelho — mas não era escuridão normal, não. Aquilo ali era escuridão como a escuridão dentro de um livro velho fechado, só que com dois olhinhos. Olhos brilhantes, e que pareciam abrigar pequenas galáxias dentro deles.

— Argh! — gritei, apontando para a coisa. A coisa, em reação, olhou para trás para verificar o que haveria ali de tão assustador.

— Fica longe! — ordenei. Mas, cada vez que eu dava um passo para trás, a criatura rastejava um pouco mais para perto de mim. Na verdade, pelo seu jeito de se movimentar e pela expressão em seus olhos, tive a impressão mais doida: *acho que ela quer que eu faça carinho*.

Mas eu não sou doida. Em vez disso, joguei minha lanterna na